

Laços humanos, política e história – Uma entrevista com Wolfgang Heuer*

*Human bonds, politics and history
– An interview with Wolfgang Heuer*

*Lazos humanos, política e historia
– Una entrevista con Wolfgang Heuer*

Vinícius Liebel**

Cada nova vida é uma gama infinita de possibilidades que vão se definindo à medida que a própria vida se desenrola. É na condição própria do homem social, ou do homem político de Aristóteles (2011, p. 21), que a história se desenrola a partir das ações, das relações e do legado que sobrevive às areias do tempo. Em outras palavras, a história é escrita pelas (inter)ações humanas e suas consequências.

Mas nenhuma vida humana é isolada. Nem mesmo o sábio eremita nietzschiano, que, ao deixar seu isolamento, pergunta ao Sol: “que seria da tua felicidade se te faltassem aqueles a quem iluminas?” (NIETZSCHE, 2002, p. 23). A existência, ainda que isolada, se define pela coexistência; e a coexistência encontra na política seu campo mais privilegiado. Não por acaso, Hannah Arendt constatou que a política é baseada na “pluralidade dos homens”, e que seu sentido seria a liberdade, a “convivência entre diferentes” (ARENDR, 2004, p. 21-2). Na garantia (ou na busca) dessa liberdade e convivência forjam-se os laços sociais, defendem-se ideias e ideais e promovem-se ações com vistas em interesses próprios. É nesse sentido que a mesma Arendt definiu o poder como a “habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto” (ARENDR, 1994, p. 36). A própria história pode

*Tradução do alemão de Vinícius Liebel (PUCRS).

**Professor Colaborador do PPG-História da PUCRS, bolsista Capes PNPd na mesma instituição.

ser entendida, portanto, enquanto fruto de laços humanos, de ações e de ideias que têm suas bases na convivência e na socialização. Longe de um cenário pacífico, é da natureza desse quadro que os laços firmados sejam confrontados, que sejam transformados em alianças promovendo conformidade ou resistência, harmonia ou confrontação.

No fechamento desse dossiê temático, voltado aos estudos dos laços sociais, a breve entrevista com o professor Wolfgang Heuer aqui apresentada cumpre um papel singular. Professor livre-docente da Universidade Livre de Berlim (*Freie Universität Berlin*), do Instituto de Ciência Política Otto-Suhr, Heuer tem se dedicado ao estudo de aspectos singulares desses laços políticos e sociais, pensando questões como a violência, o exercício e o desenvolvimento da responsabilidade e da integridade a partir de temas diversos, desde a situação de refugiados políticos, passando pela fundamentação dos direitos humanos, até a responsabilidade social de empresas e corporações. Os meios usados por Heuer para divulgar suas reflexões não se resumem ao árido ambiente acadêmico. Ele também mostra sua competência nos campos da arte e da cultura, tendo sido curador da exposição de arte *Hannah Arendt Denkraum*, além de ter produzido o filme documentário *Twelve Hours to Midnight* (sobre o Brasil diante da crise financeira e a fundação do Instituto Ethos) e ter escrito o roteiro para a produção de *In Deutschland unerwünscht: Hermann Gräbe*.

A atuação de Heuer também não se resume aos limites do Instituto Otto-Suhr nem às fronteiras da Alemanha. Formado em História, Germanística e Estudos Latino-americanos, desde cedo em sua carreira teve contato direto com realidades e campos de pesquisa diversos, atuando na Bolívia, Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, Croácia, Chile, Estados Unidos, Eslovênia e Hong Kong. Na Croácia, por exemplo, atua como diretor do curso *European Identity between Dictatorship and Freedom in Twentieth Century*, no IUC de Dubrovnik, desde 2007.

A produção acadêmica do professor Wolfgang Heuer está, além disso, completamente vinculada à obra arendtiana. Em sua vasta produção, alguns escritos ganharam grande destaque. É o caso da biografia *Hannah Arendt*, escrita por Heuer em 1987 e ainda em catálogo, hoje em sua oitava edição. Além disso, a obra *Citizen* (HEUER, 1992), fruto de sua pesquisa doutoral, é uma busca pela especificidade humanística da obra de Hannah Arendt, na qual o autor debate a natureza e a relação de conceitos específicos, como a Política, o Pensar e o Agir políticos, bem como a Ética e a Integridade entre os atores sociais. Sua pesquisa

e tese de livre-docência, *Couragiertes Handeln* (HEUER, 2002), reflete sobre os atos individuais de resistência e de coragem, buscando uma compreensão daquilo que poderia ser denominado *habitus* da coragem. O ponto de partida dessa pesquisa, como o próprio Heuer descreve, foi

... a tese de Hannah Arendt da banalidade do mal, que parte da opinião de que, diferentemente de razões emocionais como o ódio ou a inveja, é a irreflexão ou a falta de pensamento que possibilita os maiores crimes. Seria então possível, eu me perguntei de forma inversa, que um comportamento corajoso, não-conforme ou mesmo de resistência, resultasse de uma reflexão especial ou de um julgamento individual? (HEUER, 2002, p. 13)

Essa tese fundadora da pesquisa de Heuer não se comprovou, levando-o à conclusão de que a coragem pode ser fruto de uma reação automática a um evento específico, uma ação voltada à resolução de um conflito imediato que parece solucionável a princípio, ou mesmo “imposto” de forma externa, por princípios, como uma visão de mundo ou uma religião. A banalidade do mal, assim se verificou, não tem como contraposição o bem baseado na hiper-reflexão.

Além das obras acima, Wolfgang Heuer é um dos responsáveis pela organização do *Arendt-Handbuch* (HEUER; HEITER; ROSENMÜLLER, 2011), uma obra monumental de caráter enciclopédico na qual especialistas internacionais contribuíram na composição de verbetes explicativos de pontos fundamentais da obra arendtiana, dividindo-se em elementos biográficos, análises conceituais e de suas obras, além de composições sobre temas específicos sobre os quais Arendt refletiu ou sobre os quais seus pensamentos lançam luzes. É também membro da comissão organizadora dos escritos e cartas de Hannah Arendt.

Com a autoridade que a experiência e a produção acima descritas outorgam, convidamos o professor Heuer a responder cinco questões sobre o momento político no mundo, a história e a ascensão recente do conservadorismo político, a coragem e a responsabilidade da ação, além da pesquisa histórica sobre os conflitos mundiais de 1914 e 1939 e a produção e recepção, na América Latina, de pesquisas sobre a obra e o pensamento de Hannah Arendt.

Prezado Professor Wolfgang Heuer,

1. Primeiramente, agradeço sua disposição em conceder esta entrevista. Gostaria de iniciar esta conversa abordando um tema atual, mas que tem transpassado toda a sua carreira e pesquisa. Considerando os protestos que pudemos observar nos últimos anos, desde o *Occupy Wall Street*, passando pelos *Indignados* na Espanha e chegando nas passeatas de junho no Brasil, verifica-se no Ocidente um mal-estar que tem levado muitos a questionar elementos fundamentais nas democracias e no sistema econômico capitalista. Considerando a história do que se convencionou chamar de republicanismo, dos combates e resistências a ele ligados, qual a sua perspectiva deste momento? Vivenciamos alguma forma de ruptura?

☐ Eu não sei se é a expressão de uma ruptura, mas com certeza trata-se de uma transformação aguda e com consequências duradouras. Se compararmos o movimento global atual com os movimentos de 1968, perceberemos certos paralelos. Naquele ano ocorreram protestos de estudantes e jovens, de Berkeley até Tóquio, reivindicando uma maior participação na prosperidade alcançada em uma época de “milagre econômico” e a liberalização dos costumes e da moral. Em países como a Alemanha ocorreu uma mudança decisiva nos valores e costumes, atingindo toda a sociedade nos anos e décadas seguintes. No lugar das virtudes secundárias, como cumprimento do dever, pontualidade e disciplina, ganham espaço a autorrealização e a autonomia. Uma demanda similar por uma maior participação na riqueza da sociedade pode ser observada no movimento estudantil no Chile hoje em dia, assim como na Primavera Árabe, onde, por exemplo, no Egito, uma classe média jovem em desenvolvimento reivindicou mais liberdade política e pessoal. Um fenômeno diferente ocorreu com *Occupy Wall Street* e os *Indignados* na Espanha. Seus protestos voltaram-se contra a ineficácia da política na proteção da população em face da severa crise financeira, econômica e política. O pano de fundo é a globalização e liberalização financeira desde os anos 1980, que vendia a ilusão de que o mercado resolveria tudo por si só, fazendo com que a política operasse em uma posição perigosamente fraca. O Brasil acabou não sendo tão gravemente afectado porque tem o setor financeiro mais controlado. E as manifestações são aqui também, após um período de forte crescimento econômico, expressão do desejo de emancipação e de mudanças na política, que é monopolizada por uma classe isolada. Todos esses protestos apresentam um forte desejo por

uma reforma profunda da política. A “política de uma classe” não é mais aceita, demanda-se uma política de toda a comunidade e que controle seus representantes. Isto representa uma compreensão republicana de uma política horizontal, não mais vertical, e cujos princípios fundadores incluem a transparência e a luta eficaz contra a corrupção.

2. A segunda questão, ligada também de certa forma à primeira, refere-se à ascensão das novas direitas. No Brasil, assistimos à preocupante atuação de um Congresso conservador, ainda que por aqui não se tenha configurado um partido político que concentrasse em si o conservadorismo político. Mas em outros lugares esse fenômeno pode ser observado, como em Portugal, com a fundação do Partido Nacional Renovador, a renovação do Front National, na França, e do Partido Popular, na Espanha, e na própria Alemanha, com a criação do Alternative für Deutschland. Em outros países, como a Hungria e a Ucrânia, organizações de direita têm estado na linha de frente do debate político. Qual sua visão sobre esse fenômeno, existe um elo entre essas diferentes manifestações? O que a historiografia política pode nos ensinar sobre ele?

□ A Europa está passando por grandes mudanças. Até a década de 1980, havia em todos os países um Estado forte, independente se conservadores ou social-democratas, ou mesmo, como em alguns países na Europa Oriental, ditatoriais. Com isso, podíamos observar orientações políticas conectadas aos eleitores por toda sua vida, e que correspondiam também, muitas vezes, ao emprego que era mantido ao longo de toda a vida. Com a perda de ramos tradicionais da economia, como a mineração, a construção naval e a produção têxtil, paralelamente à liberalização da economia e da política, perderam-se também os laços perenes com o local de trabalho e as orientações ideológicas. A Social-democracia não representa mais, hoje em dia, as camadas populares da sociedade, e nem a Democracia-cristã alemã representa a direita conservadora. Em uma cidade tradicionalmente social-democrata, como Bremen, o envolvimento e participação dos votantes caíram este ano pela primeira para níveis inferiores a 50%. Isso é fruto principalmente do fato das classes mais baixas já não participarem do processo, não votarem. Esses setores se sentiram deixados de fora, e esta é a chance dos populistas de direita. A “Frente Nacional” na França tem grande afluência de eleitores decepcionados com os social-democratas. Além disso, surgem aflições na população que influenciam o ambiente, como

os refugiados, a terrível guerra no Oriente Médio e a crise na Ucrânia. Nada mais parece ser gerenciável, e apenas um retorno ao Estado-nação parece prometer uma solução. Nessa conjuntura, os novos partidos conservadores, como o “Alternativa para a Alemanha” (*Alternative für Deutschland*), não são o real problema, verdadeiramente problemáticos são os movimentos populistas como o *Pegida* (Europeus Patrióticos contra a Inslamização), na Alemanha, nos quais se reúnem pessoas inseguras com organizações neonazistas em manifestações de massa semanais. O que chama a atenção nisso é que, confrontados com situações semelhantes, espanhóis e gregos escolheram a via da esquerda, enquanto nas eleições na Europa central e do norte é a direita que se sobressaiu. Em outras palavras, no sul promove-se uma alternativa pautada pela solidariedade e justiça social, enquanto no norte a opção é a manutenção do status quo pelo egoísmo e pelo isolamento social.

Também na Dinamarca, nas últimas eleições, o segundo partido mais votado foi um partido xenófobo¹. Muitos eleitores dizem não ter nada contra os estrangeiros, mas que uma comunidade funcional como a nossa não pode tolerar tantos imigrantes com diferentes comportamentos culturais. Porque isso estaria levando a sociedade ao desmoronamento. Isso lembra o excelente filme *Dogville* (2003), do diretor dinamarquês Lars von Trier. Ele descreveu, em uma parábola, o que acontece quando um refugiado chega a uma comunidade “funcional, liberal, mas totalmente apolítica”. Os moradores são sempre prestativos, desde que não lhes custe nada. Uma vez que tenham que sacrificar alguma parte da sua conveniência ou de seu conforto, eles passam a exigir compensações, e como a condição do refugiado é a de ilegal entre eles, os moradores também passam a promover ações ilegais, e tem início um ciclo incrível de exploração e de degradação. O filme mostra, de forma assustadoramente realista, como uma comunidade civilizada é gradualmente levada à barbárie por ser apolítica. Valores políticos como o altruísmo, a solidariedade e a responsabilidade são desconhecidos dos habitantes. Este é um aviso claro para as nossas sociedades liberais apolíticas, onde a liberdade é entendida apenas como “liberdade de” regras e restrições, e não como uma “liberdade para” assumir responsabilidades sociais. A partir de uma perspectiva individualista e egoísta, apenas as diferenças para os “outros” são discutidas, aqui os cristãos, lá os muçulmanos, aqui nossos vizinhos confiáveis, lá o

¹ Nota do tradutor: Eleições de junho de 2015, na qual o Partido Popular Dinamarquês (*Dansk Folksparti*) atingiu mais de 20% dos votos, proporcionando a mudança de um governo socialdemocrata para um governo de direita, centrado no próprio DF e no centro-direitista *Venstre*.

estrangeiro assustador. Felizmente existem também muitos grupos de cidadãos que querem e se organizam para ajudar os refugiados. O futuro só será humano se estivermos dispostos a aceitar e pensar as mudanças. Os imigrantes sofrem transformações de qualquer maneira, e a sociedade majoritária deve reconhecer essas transformações, como, por exemplo, o surgimento de um Islamismo europeu, moderado. Mas ela também deve entender que cada um de nós carrega responsabilidades, seja pelo bem-estar da nossa sociedade, seja pelos jovens alemães que se juntam ao Estado Islâmico, independentemente de virem de famílias imigrantes ou não. E é nossa toda a responsabilidade caso o projeto europeu evolua como uma federação de paz depois de duas terríveis guerras mundiais ou não. O projeto é muito mais do que uma associação de finalidade econômica, e as dificuldades econômicas e políticas de cada Estado não devem ser discutidas no nível dicotômico do “nós somos bons, vocês são ruins”. Isso incentiva sentimentos nacionalistas e o populismo.

Frente às mudanças por que passa o mundo, o futuro político encontra-se no engajamento cívico. Em Berlim, por exemplo, existem hoje três grandes plataformas cívicas que discutem e debatem com os representantes políticos os problemas em seus bairros a partir das diferenças políticas e religiosas. A política dá ouvidos aos cidadãos, há um diálogo com eles, e os cidadãos podem expressar suas ideias. Além disso, eles têm a oportunidade de influenciar a política através de referendos. Isso me parece um importante complemento para o sistema parlamentar e de partidos, algo a influenciar o futuro da política. A política enfraqueceu, os cidadãos devem assumir mais responsabilidades, o que também é o melhor remédio contra a propaganda populista, que não faz avançar a sociedade, pelo contrário, apenas promove divisões e confrontos violentos em lugar de servir ao bem comum.

3. Este ano temos o aniversário de 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, ano passado completaram-se 100 anos do início da Primeira Guerra. São marcos que nos remetem ao nascimento de uma nova era, marcada pelo trauma da violência da guerra moderna e do evento-limite do Holocausto. De que forma a academia alemã vem discutindo não só os eventos, mas todo esse século de violências, sob o prisma desses aniversários? Existe uma renovação dos debates e reflexões?

As duas ocasiões foram lembradas sem grande controvérsia pública, mas com muitas exposições e filmes. Nada próximo do debate

feroz que ocorreu na década de 1960, sobre a culpa alemã pela Primeira Guerra Mundial. Um dos eventos mais comentados do ano passado foi a publicação do livro *The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914*, de Christopher Clark (2014). Na obra ele mostra o quão fácil é provocar uma guerra com a escalada das tensões. Indubitável é a atualidade da questão, dadas as tensões na Ucrânia e os conflitos no Oriente Médio.

No que diz respeito à Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto, não surgiram novas controvérsias depois das discussões na Alemanha sobre a historicização e a temida relativização dos acontecimentos (a “querela dos historiadores”, ou *Historikerstreit*) na década de 1980 e do acalorado debate dos anos noventa sobre os crimes cometidos pela *Wehrmacht* durante a guerra, até então negados. Todos os fatos estão na mesa e são debatidos e ensinados nas escolas e universidades. Demorou muito tempo até que os defeitos de uma divisão do país fossem superados, tanto na direita quanto na esquerda. Essa divisão foi ainda reforçada pela divisão do país. Os principais temas de debates de então eram os destinos dos antigos territórios alemães e de pessoas deslocadas, além da comparação entre o Nazismo e o Stalinismo. A esquerda sempre imputou aos refugiados um revanchismo latente e salientou, com razão, que seu deslocamento foi um resultado da Segunda Guerra Mundial, iniciada pela própria Alemanha. Na crítica ao stalinismo essa esquerda não via apenas um anticomunismo reacionário, mas uma posição autoritária, antiemancipatória, fruto da Guerra Fria. Apenas com a unificação da Alemanha um debate aberto sobre o sofrimento das pessoas deslocadas e os crimes, não só do Stalinismo, mas também da liderança stalinista da República Democrática Alemã (DDR), foi possível.

Mas mesmo após o violento século XX, nós nos vemos novamente confrontados com novas formas de violência. Não aquela dos assassinos em massa burocratas, não mais o crime com base na obediência e no conformismo. O que nos aterroriza hoje é o mais o puro prazer da violência – pensemos no norueguês Anders Breivik, o terrorista solitário, nos combatentes do IS (Estado Islâmico) e no sorriso assustador que todos eles carregam.

4. Em sua tese de livre-docência, publicada com o título de *Couragiertes Handeln*, o senhor analisa a natureza dos atos de coragem civil, refletindo sobre elementos como a (ir)racionalidade desses atos, sua relação com a empatia, o altruísmo e as diferentes fontes de moralidade. A importância desse objeto de estudo se revela

quando consideramos casos atuais, como o de Edward Snowden ou o *Wikileaks*. Como pensar a historicidade de uma ação dessa natureza, em sua condição política e social? Como essas ações se perdem e se encontram na construção da memória e da narrativa histórica?

- ❑ Existem várias formas de ação de coragem. Elas vão desde o rompimento de uma situação conformista, na qual alguém se atreve a expressar a sua opinião dissidente, até o *Whistleblowing*, quando se soa o alarme sob certas circunstâncias. Entre estes últimos se inclui Snowden. Seu precursor mais conhecido foi Daniel Ellsberg, que trouxe a público um estudo secreto dos Estados Unidos sobre as origens e o desenrolar da Guerra do Vietnã. Através dele, todos puderam compreender o fato de que o envolvimento norte-americano no Vietnã não consistia apenas em uma intervenção, mas tinha deliberadamente se desenvolvido em uma guerra que não tinha sido aprovada pelo parlamento, por conseguinte, uma violação da constituição. *Whistleblowers* obtêm proteção legal no Reino Unido, Austrália e algumas regiões dos Estados Unidos apenas se cumprirem certas regras: se constatarem sérias violações legais ou éticas em suas empresas ou departamentos e informarem seus superiores sobre isso. Somente quando estes não fazem nada para impedir a continuidade dessas violações, o denunciante pode ir a público. Com isso seus riscos enquanto empregados devem ser reduzidos, e a percepção de responsabilidade em favor da coletividade será reforçada. Essas pessoas são tão importantes quanto os políticos mais notáveis. E apesar do suporte legal, enfrentam riscos enormes. Sua ação requer muita coragem. O contador Paul van Buitenen descobriu, na década de 1990, uma série de casos de corrupção na gestão da Comissão Europeia, mas nenhuma das autoridades de supervisão reagiu a eles. Então, ele foi ao Parlamento Europeu e, em seguida, veio a público. Ele tinha não só coragem, mas também um medo considerável: escondeu a evidência em um cofre de banco e viveu por um bom tempo com os amigos. Após os culpados serem condenados, novos mecanismos de controle foram criados. Van Buitenen é muito menos conhecido do que Ellsberg ou Snowden porque seu caso era menos grave, mas devemos ser gratos a essas pessoas porque eles têm servido ao interesse público. Sua coragem e sentido de responsabilidade são exemplares. A situação de Snowden é muito precária, seu futuro incerto. Nenhum país europeu quer apoiá-lo por medo de sanções dos EUA. A publicação dos *Pentagon Papers* por Ellsberg entrou para a história porque sua ação influenciou fortemente

a opinião pública nos Estados Unidos. Snowden já se tornou sinônimo de fim da manipulação descuidada de dados digitais, de um admirável mundo novo da Internet. Além disso, não se deve esquecer que ele também se tornou sinônimo da falta de coragem das lideranças dos estados ocidentais. A ação política genuína, que não se limita à administração da sociedade, não é uma questão de procedimentos burocráticos, mas se constrói com base em eventos e em exemplos com os quais possamos aprender. Exemplos não desempenham um papel importante apenas para a construção da memória e para a escrita da História, mas também para a ação política e mesmo para a teoria política.

5. Sua obra é marcada pelo diálogo constante com o pensamento de Hannah Arendt, sendo o senhor o responsável por um dos espaços mais importantes de diálogo e divulgação de trabalhos acadêmicos sobre a autora ([Hannaharendt.net](http://www.hannaharendt.net)). Como o senhor enxerga a expansão dos estudos arendtianos no Brasil e na América Latina em geral, quais as temáticas e perspectivas mais trabalhadas?

□ Existe uma série de boas pesquisas e publicações sobre Arendt na América Latina. Publicamos há cerca de dois anos um relatório sobre a recepção de seu pensamento e obra no México em nosso site *HannahArendt.net*: (<http://www.hannaharendt.net/index.php/han/article/view/303/441>). Nos outros países a situação é parecida. Na Argentina ocorrem regularmente as *Jornadas Hannah Arendt*, em São Paulo já funciona há tempos um grupo de estudos, no momento ancorado à Faculdade de Direito da USP, e também na Colômbia a obra arendtiana é bastante pesquisada. Os principais temas trabalhados são as teses de Arendt sobre a ação política, sobre o julgar e sobre os significados da memória. Muitos trabalhos se ocupam ainda da comparação entre os trabalhos de Arendt e de Foucault, Merleau-Ponty, Ricoeur, Rancière, etc.

Como no caso de todo pensador clássico ou contemporâneo, também no estudo de Arendt existe o risco de uma mera repetição de seu pensamento ou de uma tentativa de aplicar seu pensamento filosófico e político de forma direta e sem reflexão sobre o nosso presente e realidade empírica. Por exemplo, se queremos examinar o processo de degradação e de reparação relativos a crimes recentes, não ajuda a referência à importância da lembrança, como Arendt a desenvolveu, mas apenas um sólido método sociológico puro. Por outro lado, é preciso também considerar o lugar de Arendt enquanto pensadora independente.

Nesse sentido, fiquei muito impressionado pelo interesse geral que sua obra despertou em São Paulo, onde se formou uma rede envolvendo universidades, ONGs e empresas em torno de suas reflexões. Arendt não era uma acadêmica convencional, não era uma teórica ao estilo de Rawls, que desenvolveu uma teoria fechada e completa. Ela era uma pensadora livre, que nos convida, através de seu método, a seguir seus argumentos. Com isso ela inspira obviamente pessoas que não trabalham no meio acadêmico, mas *ciudadanos*, no sentido republicano de pessoas que cuidam do bem comum. Arendt dissolve a distinção comum entre teóricos e práticos, acadêmicos e não-acadêmicos, ou ainda entre intelectuais e o povo. O essencial para ela são esses *ciudadanos*, entre os quais nenhum acadêmico *per se* pode ser considerado um *ciudadano* melhor do que uma pessoa sem formação universitária. Para ela não havia distinção entre autores e comentadores, no sentido de autores que enriquecem o mundo com seu trabalho e comentadores que examinam e avalizam essas obras. Autores, segundo Arendt, estão interessados no mundo, comentadores na teoria política. Para ela ambos são importantes, mas é claro que ela espera também dos comentadores um interesse em nosso mundo, no sentido de assumir responsabilidades como *ciudadanos*. Trabalhar com Arendt significa sempre voltar a estas questões por ela formuladas: quais ações e decisões precisamos tomar para salvarmos nosso mundo e humanidade?

Referências

- ARENDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____. *O que é Política?* Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.
- ARISTÓTELES. *A Política*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- CLARK, Christopher. *Os Sonâmbulos – Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.
- HEUER, Wolfgang. *Hannah Arendt*. Hamburg: Rowolt, 1987.
- _____. *Citizen: Politische Integrität und politisches Handeln – Eine Rekonstruktion des politischen Humanismus Hannah Arendts*. Berlin: Akademie, 1992.
- _____. *Couragiertes Handeln*. Hamburg: Rowolt, 2002.
- HEUER, Wolfgang; HEITER, Bernd; ROSENMÜLLER, Stefanie (Org.). *Arendt-Handbuch*. Stuttgart: Metzler, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2002.